S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 5 de fevereiro de 1910 — ANNO IV—NUMERO 17

Assignaturas para o Brazil
Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
Anno . . . . 15$000
Semestre . . . . 8$000
Pagamento adiantado

Fundador: **BENJAMIM MOTA**

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé, 5 (sobrado)

Endereço telegraphico: LANTERNA

Numero do dia 100 rs.

Apparece aos sabbados

Acima dos partidos

Antes do «pleito eleitoral» de 2 de fevereiro, alguns amigos pediram-nos que tomassemos posições.

— Porque não se apresenta uma chapa em 2 de fevereiro? O catholicismo toma posições: porque não as tomaremos nós?

Esperamos, porém, que todos concordem com a nossa abstenção, desde que fique bem esclarecido o caracter independente deste jornal.

A Lanterna não é um jornal politico, mas uma folha de combate *anticlerical* — e é essa a sua caracteristica essencial, que lhe dá um lugar aparte e faz com que preencha uma lacuna.

Se pertencesse a uma facção politica, não seria mais do que a reedição, a repetição de tantos outros que, seguindo uma orientação politica especial, fazem tambem anticlericalismo, como accrescimo.

A Lanterna é orgão anticlerical, isto é, orgão daquelles que dão combate á influencia e acção do clero e defendem a liberdade de pensamento, e o seu escopo é congregar o maior numero possivel de elementos sinceramente animados do mesmo desejo, qualquer que seja a sua facção politica. Ora iriamos de encontro a esse fim, dividindo em vez de congregar, perdendo o caracter especifico que temos, se tomassemos partido na actual contenda eleitoral, afastando de nós os anticlericaes e livres-pensadores alistados no campo contrario e os que pertencem a escolas philosophicas ou sociologicas francamente inimigas do parlamentarismo e de qualquer acção eleitoral.

Se quizessemos captar as sympathias e favores dos poderosos, dos influentes ou dos dominadores da hora actual, poderiamos, abandonando o fim que tivemos em vista ao fundar este jornal, achar grande conveniencia em cortejar este ou aquelle grupo, seguir esta ou aquella facção, calcular as probabilidades de victoria deste ou daquelle candidato...

Mas queremos ser fieis ao escopo que nos propuzemos e é inutil que delle nos tentem desviar, pois achariamos preferivel deixar morrer o jornal, se os anticlericaes e livres pensadores, separados e obcecados por paixões politicas, fossem incapazes de collaborar numa obra commum de propaganda e de acção, na qual todos estão de accordo.

O interesse da nossa causa, exigindo a união de todas as forças vivas, reclama um jornal extra-partidario: não será ainda talvez o nosso, mas o nosso pode, como pioneiro, abrir caminho...

Este caracter extra-partidario dá-nos tambem maior independencia para a critica e apreciação de todos os actos, venham de onde vierem. E todos sem esforço reconhecerão que, se nós formos uma força respeitada e unida, nada temos que recear dos candidatos e governantes porventura hostis; ao passo que, se formos fracos e desunidos, nada poderemos esperar de politicos favoraveis, em face dum inimigo solidamente organizado e poderoso... Como judiciosamente observava ha pouco um grande jornal norte-americano, os governantes têm mais empenho em agradar aos homens que lhes são contrarios em ideias e cuja benevolencia e confiança precisam de conquistar, do que aos correligionarios, cujo favor já está ganho. Sobretudo se estes são fracos e aquelles fortes...

Eis porque a nossa união e a nossa força são o principal para nós e merecem bem um orgão especial, extra-partidario; e muito particularmente depois de passada a actual tormenta, não faltará decerto quem francamente nos approve.

Sermões ao ar livre

E' impossivel discutir com os catholicos, dizia-me um militante anticlerical. A má fé, a deslealdade e o fanatismo que os distinguem acabam por desgostar todas as boas vontades e todas as paciencias.

Affirmam com desconcertante descaro as mais inconcebiveis infamias e calumnias contra os adversarios, e quando conseguimos colher os seus ignobeis papeluchos clandestinos e pomos em evidencia a torpeza das suas mentiras, não discutem, não replicam, mas na primeira occasião voltam á carga, repetindo com desesperante desvergonha as mesmissimas calumnias.

Pretensos discipulos do Christo, que passa por doce e pacifico — salvo contra os vendilhões do templo...— ninguem mais facilmente do que elles invoca a violencia, o rigor das leis, a perseguição das autoridades e o cacete dos capangas da fé contra os incredulos.

A's vezes é difficil distinguir um fanatico dum capanga ou dum capoeira. Não só pelas navalhadas traiçoeiras que nos joga — no sentido figurado, quando esperamos um argumento leal; mas pela tendencia que ambos têm para pôrem a discussão no terreno do murro e da paulada — no sentido proprio.

Um facto: recebemos um dia um escripto insultante, devidamente assignado. Tomámos esta circumstancia, rara entre os nossos insultadores, como prova de sinceridade, e tentámos argumentar serenamente com o homem. A resposta foi redobrar de insultos e insistir no lado musculo *da questão!... Não é a alma, a mentalidade do valentão, do desordeiro, do capoeira?*

Em verdade te digo que, quem quizer aventurar-se pelos beccos escuros da fé, deve ir armado até aos dentes...

— Mas tudo isso é muito natural. E' a lei da conservação da vida em acção. A fé defende-se, eis tudo; e defende-se com as armas que tem: a intolerancia, o crê ou morres, a violencia, a mão que tapa os olhos e os ouvidos.

Querias porventura que raciocinasse serenamente (a fé a raciocinar serenamente! é curioso!), que adoptasse a tolerancia, a discussão leal, e outras boas ervas, que se suicidasse, emfim?

A Igreja, baseada sobre a fé, tanto como sobre a riqueza e a influencia politica de que dispõi, haveria de baixar-se a discutir ingenuamente e de largar mão da espada de S. Pedro — apesar da advertencia do Christo? Não é ella inimiga do suicidio?

Todas as suas disposições são, nesse sentido, inteiramente sabias.

Excommunhão dos escriptos hereticos, prédica constante contra as más leituras; sociedades que destroem os papeis inimigos, catecismos que prescrevem: «Não imprimirás, nem lerás, nem propagarás, nem comprarás maus diarios» — não é tudo isso demonstração de habilidade?

A sua defesa está sobretudo em insular o seu rebanho das verdades exteriores. Na estrada do paraiso as bestas da Igreja precisam de antolhos para não cairem, com a carga, nos despenhadeiros da duvida.

ZENO VAZ.

Viva o Carnaval!

Folguemos, na santa paz do senhor!

Porque combatemos o clericalismo?

III

Quando me referi ao baptismo no artigo anterior, omitti certas considerações, considerações estas indispensaveis para demonstrar mais claramente o modo estupido e falho com que o clero tenta enganar os povos.

Segundo a Biblia (Genesis III) foi a serpente que induziu Eva a comer do fructo prohibido. Eva não só comeu, mas deu a comer tambem a Adão, ficando por isso o sr. Deus indignado a ponto de os expulsar do Paraiso.

Ora, segundo os dados recolhidos até hoje, não se tem conhecimento de que os animaes falassem antigamente.

Dar-se-ia o caso de que Deus dotasse a serpente de um dom não commum aos outros animaes? E não é só isso: foi preciso que Deus communicasse á serpente a existencia da arvore, salvo se esta possuia tambem o dom de adivinhar.

Sendo assim, como é que Deus deu estes recursos á serpente e porque permittiu fossem empregados em prejuizo do homem?

Deus, que é infallivel, devia de saber que taes armas a serpente teria forçosamente de ampregar na pratica do mal.

Pois bem: os padres, sem fazer caso destas ninharias, acharam conveniente culpar a serpente do peccado original, prevalecendo-se talvez do facto de andar este animal de rastos; só erraram dando-lhe a fala, pois que, mais tarde, com a sua mudez, se tornaria suspeito

Porque não se lembrou Deus do papagaio ou da caturra? Talvez assim evitasse as duvidas futuras...

—

O clericalismo precisava de arranjar um peccado que fosse o estigma das futuras gerações de catholicos, e todos nós sabemos com que exito o fez.

Uma vez baptizada uma criança torna-se christã e, sendo christã, tem de se submetter á influencia do jesuitismo, que tendo preparado sua intelligencia, vende-lhe bem caro a mercadoria da igreja — as missas, as indulgencias, etc.

As bençãos que Deus não hesitaria em distribuir gratis, elles as fazem pagar no baptismo, no chrisma, na missa e até na extrema uncção, administrada ao moribundo, e que é o passaporte para o outro mundo.

—

E eis ahi porque combatemos o clericalismo, pois que, emquanto os paizes civilizados perseguem os *trusts*, que tanto prejudicam os pobres, os que mais soffrem, permittem que se implante livremente o vergonhoso *trust* catholico, que tendo começado com a lingua de sogra da serpente, os trinta dinheiros de Judas, sem outro capital além dos gestos comicos das bençãos, conta hoje com muitos milhões enthesourados á custa de toda sorte de crimes e violencias commettidos em nome de Deus.

Em vista disso, um dever se impõe aos homens livres, que é o de desmascarar as mentiras do clericalismo, as classicas mentiras prejudiciaes á causa que nos propuzemos defender e propagar.

CESAR MATHEUS.

A Escola Moderna e os catholicos

No numero anterior, pr metti mostrar ao leitor as infamias vomitadas contra o projecto de Escola Moderna por mais dois jornaes catholicos. Mas basta reproduzir o que diz um delles, porque os dois compadres repetem-se:

> Quando o anno passado Barcelona foi theatro do mais atroz vandalismo, nenhuma pessoa sensata julgaria que os anarchistas daquella cidade encontrassem partidarios decididos entre nós. A espoliação, o roubo, o morticinio sem freio, a satisfação desregrada e impune de todos os instinctos perversos da besta humana, o desacato á innocencia, pareciam crimes capazes de fazer corar de vergonha toda a criatura em que acaso existissem vestigios de sentimentos humanos. Mas infelizmente assim não succedeu: todo o mundo já sabe que em S. Paulo trata-se de fundar um instituto para a corrupção do operario, nos moldes da *Escola Moderna* de Barcelona, o ninho de anarchistas de onde sairam os peores bandidos promptos a impor suas ideias, custasse embora o que custou.
>
> Ora, uma tal casa de perversão do povo vai constituir um perigo maximo para S. Paulo. E é preciso accrescentar que não somos só nós os catholicos que ficaremos expostos á sanha dos irresponsaveis que sairem da *Escola Moderna*. Brasileiros e patriotas, havemos todos de sentir o desgosto, uma vez realizados os intuitos da impiedade avançada, de ver iusultada a patria, achincalhadas as nossas autoridades, menoscabadas as nossas tradições de povo livre, por estrangeiros ingratos que abusam do nosso excesso de hospitalidade e tolerancia. Não se diga que estamos exagerando, nós que somos patriotas por dever de religião. Nem outra coisa podemos esperar dessa gente sem *lei nem grey*, dessa gente que préga ser a *patria uma ficção monstruosa e a bandeira um trapo sujo erguido na ponta de um pau.*

O autor desta infamia; descrevendo os successos de Barcelona, acabava de ler certamente a narração das proezas dos catholicos através da Historia.. Aquillo é a guerra contra os albigenses, a matança dos huguenotes, a conquistado Mexico e do Perú, a sangrenta epopeia dos carlistas, uma pagina da Inquisição... As leituras deste genero podem realmente impressionar assim...

O pobre homem tem as ideias baralhadas: os insurrectos de Barcelona não são catholicos e por isso foram muito mais humanos. Antes de incendiar os conventos, convidavam os habitantes a sair. Só morreram um padre e uma velha religiosa, que recusaram abandonar o lugar.

E note-se que em Hespanha já houve queima de conventos, com matança de frades. Então, nem se falava de escolas leigas ou modernas... Todos saíam das escolas clericaes. Vê-se que os ensinamentos e tradições do catholicismo se vão perdendo... Os homens humanizam-se.

Verdade é, porém, que os taes ensinamentos nem sempre são efficazes. Assim, muitos dos mais ardentes inimigos da igreja foram discipulos de jesuitas. Portet, encarregado por Ferrer de continuar a sua obra, foi seminarista, foi da legião do padre Claret...

Só um jesuita, considerando-se em frente dos fanaticos que crêem a olhos fechados e tapam os ouvidos ao que vem de fóra, ousa affirmar relação de causa e effeito entre a *Escola Moderna* e os factos de julho!

A insurreição, provocada por uma guerra absurda e pela injusta chamada dos reservistas, começada pelas mãis e esposas, voltou-se contra os conventos, não por motivos propriamente anticlericaes e antireligiosos, mas por causas sobretudo economicas: a concorrencia industrial dos conventos, que praticam uma exploração desenfreada.

Demais, a Escola Moderna foi fundada em agosto de 1901 para criancinhas, desde as primeiras letras, e foi encerrada ha tres annos. Os alumnos do primeiro anno, não muito numerosos, são ainda crianças: eis os «bandidos» que queimaram conventos e lutaram contra a tropa em Barcelona!...

Os jesuitas invocam a intervenção das autoridades, procurando demonstrar-lhes que ellas estão sériamente ameaçadas, que o perigo não é só para elles. A fé, a crença imperecivel, a religião immortal, não podem caminhar sem o amparo da espada... E não são elles, com um constante appello á repressão e á intolerancia os perigosos para todas as liberdades!

Quando o paiz se cobre de padres e frades estrangeiros, vêm elles, subditos do papa antes de tudo, falar em estrangeiros, — que decerto não deixaram os seus direitos do outro lado do oceano, e que vêm, não como hospedes que passam e não pagam, mas como trabalhadores que prestam serviço e nada têm que agradecer, antes pelo contrario.

A Escola Moderna em S. Paulo é iniciativa de nacionaes e estrangeiros, como muitas obras de catholicos, que sendo adeptos de uma igreja «universal», se dizem, quando lhes convêm, patriotas por dever de religião!

E como elles apresentam os internacionalistas de hoje, descendentes dos christãos de outrora! Releiam o fecho da transcripção: quem repelle o ideal de patria, não pode passar dum bandido da peor especie, com odio aos homens e a tudo. E no entanto quem ataca a patria é quando, em nome della, se trucidam homens na flor da vida e se justificam tyrannias e explorações, é porque acima della colloca a humanidade. Os defensores leaes do patriotismo reconhecem que é um ideal superior que guia os internacionalistas.

O jesuita repete e estropia o dito de Jules Simon, que foi ministro varias vezes e teve ideias moderadas: «Não vos incommodareis por uma bandeira. Não passa de tres metros de algodão na ponta duma vara» — mas esquece o do illustre Tolstoi: «Quando medito sobre todos os males que vi e soffri, provenientes de odios nacionaes, digo commigo que tudo isso repousa sobre uma mentira grosseira: o amor da patria!»

A má fé aconselha a mostrar um lado só duma ideia, convenientemente deturpada, e a esconder o outro.

Mas a vossa raiva é impotente, ó jesuitas!

LIBERTAS.

DESCASQUEMOS A OLIVEIRA

> Quanto mais religioso é o homem, mais crê; quanto mais crê, menos sabe; quanto menos sabe, mais bruto é... (*João Most*).
>
> As religiões foram creadas para enganar os homens. São incalculaveis as sommas de dinheiro que a fabula do Christo tem produzido aos padres. (*Bonifacio VIII*, papa.)

Se bem que muito goste de azeitonas (porque, seja dito entre parenthesis, é um bom fructo), não posso deixar passar despercebidos uns tantos conceitos, emittidos por um Oliveira e Silva qualquer sobre João Most, o autor d'*A Peste religiosa*, no *Jornal do Brasil* de 16 de janeiro do corrente anno.

O tal Oliveira e Silva censura acremente a Most porque este dissera: «Se Deus quer ser conhecido deve mostrar-se.» A isso responde o sr. Silva: «Ignora o pobre rabiscador de negações que a natureza humana não supportaria, sem sucumbir, a gloriosa visão da Majestade Divina?

Não conhece as verdades (*sic*) mais rudimentares de nosso credo...»

Sem assumir o papel de advogado de Most, porque elle não precisa de meu humilde e por demais fraco apoio, eu desejaria que o Oliveira e Silva me dissesse quão são essas *verdades* do credo catholico que o autor d'*A Peste religiosa* desconhece e de que o escrevinhador dominical do *Jornal do Brasil* tanto se ufana.

Ora bem, admittindo que Most desconhecesse as *verdades* catholicas (coisa impossivel, porque as taes *verdades* são mais antigas do que Brahma), bom seria, em lugar de rebaixa-lo, como covardemente faz, que lhas ensinasse, porque *é um dever christão ensinar ou corrigir a quem labora em erro*.

Mas as *verdades* do credo de Oliveira e Silva peccam pela raiz, porque, de sua proposição, para refutar a Most, que diz que a natureza humana não supportaria, sem succumbir, a presença da Majestade Divina, eu, sem arrogar-me fumos de theologo, deduzo as seguintes e interessantes consequencias:

Se, como diz Oliveira e Silva, a natureza humana não pudesse supportar, sem succumbir, a presença da Majestade Divina, conclue-se dahi que Moyses e os prophetas, logo na primeira entrevista com Deus (sic), *deveriam ter succumbido, sendo que, no caso contrario, isto é, se Moysès e os prophetas não succumbiram, João Most tem razão quando exige a presença de Deus para affirmar a sua existencia; mas, se Oliveira e Silva p etende que a natureza humana succumbe em prerença da Divina Majestade, logico é concluir que as Escripturas Sagradas são um tecido de embustes!*

Tal é o que dita o mais simples bom senso; mas Oliveira e Silva não se atém a isso; e no furor sectario que caracteriza todo o bom catholico, prosegue:

«João Most é um retardatario... Na divulgação de qualquer corrente de ideias, ha sempre os que iniciam e os que seguem, um tanto ao modo dos carneiros...»

João Most retardatario pelo simples facto de ser um homem de sciencia e descrer de Deus?...

Esse epitheto assenta melhor a Pio X, cuja loucura levou-o ao extremo de querer esmagar, a golpes de cajado, a sciencia moderna, que por fim o ha de es-

magar a elle e a toda a sucia de gatunos que lhe fazem côro.

Quanto aos carneiros de que o sr. papista fala, é isso exactamente o que são todos os catholicos do mundo: manadas de carneiros chefiados por um pastor da mais baixa esphera (1) que habita em Roma e cujo nome é José Sarto.

Tem a palavra:

«Voltaire, o ridor Voltaire — continúa o Silva—não ia tão longe quanto João Most, e eis porque escreveu:

« Se um relogio prova um relojoeiro, se um palacio annuncia um architecto, como não denunciará o Universo uma intelligencia suprema?»

Bem: isso escreveu Voltaire, talvez para convencer os atheus, como João Most, da existencia de Deus; mas um patricio de Voltaire tambem escreveu: «Crear não é tomar um ou varios elementos já existentes e coordena-los; não é reunir materiaes e po-los de certo modo. O relojoeiro, por exemplo, não cria um relogio; o architecto não cria um edificio. Crear é dar a existencia ao que não existe, é tirar algo do nada, é fazer alguma coisa do nada.» (2)

Já vê o Oliveira e Silva que, se um escreveu para fabricar crentes, o outro escreveu para fazer descrentes, cabendo, todavia a vantagem a este ultimo, porque desfez o que aquelle tinha feito.

Mas, apesar de tudo isso, o papista Oliveira e Silva não se cança de rebaixar a João Most e de enaltecer a Igreja Catholica.

«Repito—diz elle—num ultimo arranco de furor catholico: o allemão João Most é um primitivo, é um atrasado... A vitalidade da igreja catholica denuncia-se por sua expansão cada vez maior.»

A este respeito Oliveira e Silva deveria explicar se melhor. Porque, se, como diz elle, João Most é um atrasado, quaes serão então os adiantados?...

Toda a furia de Oliveira e Silva contra João Most é devida á acerba critica que este escriptor fez á Biblia, concretizando e pondo em evidencia todos os disparates e sandices de que a mesma está cheia.

A ignorancia, pois, de João Most, proclamada por Oliveira e Silva é tão *verdadeira* como a vitalidade e expansão da igreja catholica affirmada pelo mesmo.

E' certo: a igreja catholica está progredindo, mas é para trás!!!

No demais, aconselho Oliveira e Silva a que se arvore em advogado de Deus contra os ataques dos Most, porque assim dá uma triste prova de que elle é muito fraco e precisa de quem o defenda.

JOSÉ MARTINS.

(1) P. Lanfrey, «Hist. polit. de los Papas», pag. 367.
(2) S. Faure, «Los crimines de Dios», pag. 22.

Lanterna magica

O celibato dos padres

De Medeiros e Albuquerque, na *Gazeta de Noticias:*

« Um telegramma da Bahia diz que o bispo de lá cassou as honras de conego ao padre Francisco de Magalhães Sampaio, porque este protestou na imprensa contra o celibato clerical.

O bispo fez bem. Esse padre não tem juizo.

O celibato clerical não se instituiu logo nos primeiros tempos do catholicismo. Foi um producto da experiencia. Até o IV seculo era livre aos bispos casarem-se. S. Pedro foi casado. Só uma regra se observava: é que ninguem podia casar-se mais de uma vez. S. Paulo deixou dito: « O bispo deve ser o homem de uma só mulher. »

Essa regra, porém, era fraudada. Como nesse tempo os convertidos ao catholicismo se baptisavam muito tarde, quando, muitas vezes, já eram ou tinham sido casados, — ficou entendido que o primeiro casamento antes do baptismo não tinha importancia: os viuvos podiam ainda depois delle casar de novo. S. Jeronymo declarou mesmo que conhecia mais de 300 bispos (excusez du peu!) recasados.

Mas, depois, com a experiencia da vida, com a pratica do confessionario, sabendo, portanto, melhor do que ninguem, o que era o casamento, os padres resolveram adoptar o celibato...

Ninguem mais informado do que elles para tomar essa resolução!

De resto, S. Paulo, admittindo a hypothese de um casamento, dizia sempre que, se casar é bom, não casar é melhor.

E o padre da Bahia quer voltar atrás!

E' verdade que o tambem padre Diogo Feijó era dessa opinião e a defendeu em publico. Mas a experiencia demonstrou que même avec le ciel il y a des accommodements... Onde faltam esposas legitimas apparecem caseiras, comadres, parentas de designações variadas... E onde não póde haver filhos legitimos, ha afilhados, sobrinhos, protegidos.... São succedaneos

O padre Sampaio o que fez de mal foi dizer essas coisas pela imprensa. Se elle viesse para a archidiocese do ineffavel Arcoverde podia casar-se e descasar-se á vontade, que ninguem lhe ia ás mãos por isso.

Ha tempo, o «Correio da Manhan» publicou uma lista de vigarios que se têm casado e vivem com as respectivas esposas. Emquanto isso acontece, o cardeal compra casas, vende casas, compra terrenos, vende terrenos, troca terrenos... Nem dá por essas patacuadas de celibatos: o essencial são os negocios...»

⚜

Utilidade manifesta

Do *Jornal do Brasil:*

— Esteve brilhantissima a recepção havida na legação brasileira junto ao Vaticano, e presidida pelo sr. dr. Bruno Chaves.

Estiveram presentes os ministros da Hespanha da Allemanha, do Chile e do Uruguay, muitos prelados, as princezas Chisha, Artici e Mattei, as condessas Barbavara, Gravellone, Agliardi e Primoli e muitos membros da colonia brasileira.

Mme. Magalhães de Azvedo cantou ao piano admiravelmente, sendo muito applaudida pela selecta assistencia.

Ainda bem! Para alguma coisa serve a legação brasileira junto do Vaticano...

Para isto e para obter barretes cardinalicios...

Ha Igreja está separada ao Estado...

⚜

Paguemos!

Do *Estado de S. Paulo*:

RIO, 27. — Foi concedido o credito de 800$000 réis á Delegacia Fiscal do Thesouro Federal em S. Paulo para pagamento da congrua que compete ao arcediago monsenhor dr. Francisco de Paula Rodrigues.

Pagando, iremos todos para o paraiso, mesmo nós, os contribuintes incrédulos...

Brandura christã

Do mesmo jornal:

MADRID, 26. — Retardado. — Em Palma, quando se realizavam na cathedral os funeraes dos soldados mortos no Riff, o orador sagrado exaltou as victimas da guerra e defendeu o governo de Maura.

Falando das desordens de julho de 1909, na Catalunha, disse que se impunha um governo militar para cortar as cabeças de todos os perturbadores da ordem.

O governador e outras autoridades protestaram contra o sermão inconveniente, que a imprensa censura energicamente.

Os padres suspiram pela Santa Inquisição.

⚜

O terror dos padres

Um telegramma:

MADRID, 29. — A mocidade catholica desta capital ultima os preparativos da campanha de propaganda contra as escolas leigas.

Essa campanha tem por objectivo fazer com que o governo impeça a abertura de novas escolas e determine o fechamento das que já existem.

Ora vejam se esta gente é capaz de se contentar com a liberdade de todas as crenças, seitas, opiniões. O seu afan é esmagar o adversario, por-lhes o pé no pescoço...

E assim se explica porque os anticlericaes hespanhoes não querem só a separação entre a Igreja e o Estado, mas tambem a extincção das ordens religiosas e a expulsão dos frades. Sem duvida cumprirão este programma; mas são os padres, os catholicos, que o terão querido.

⚜

Declaração inutil

O defunto rei da Belgica, salafrario, avarento e cruel, deixou uma fortuna colossal de 800 milhões de francos, da qual como diz um diario francez, cada moeda de 5 centimos representa uma gota de sangue humano. No seu testamento declara: «Morro no seio da religião catholica».

— Declaração inutil! commenta Nakens.

⚜

Fecho alegre

Um prestamista, a quem um padre havia pedido certa quantia foi informar-se junto dum amigo, homem de igreja, sobre a seriedade e solvibilidade do sacerdote.

— Achas que seja pessoa com quem se possam tratar negocios? Tem *capitaes*?

— Homem, eu te digo, elle *capitaes* tem...

— Ah! bom, bom...

—... mas são só os sete peccados desse... nome

Correspondencia

Em vista da partida do companheiro Edgard Leuenroth, toda a correspondencia relativa a este jornal deve ser dirigida á redacção, a Neno Vasco.

Erro de paginação

No nosso numero anterior, as 7 linhas que, sob o folhetim, encima a quarta columna, desde as palavras « *per aquillo* », deveriam estar no alto da terceira columna, pertencendo ao artigo « A Lanterna em Ponta Grossa».

Instantaneos

Um bispo qualquer ordenou preces a Santa Genoveva, padroeira da cidade-luz, afim de que esta santa suspendesse a enchente do Sena.

Não seria melhor que a tal Genoveva impedisse a inundação? E' que foi um castigo, explicou um jornaleco dos padres.

Nesse caso castigo tambem foi o terramoto de Sicilia, o da Calabria, o de Lisboa, o recente em Portugal, onde as populações são religiosas até ao fanatismo, a ponto de muitas pessoas terem morrido sob os escombros dos templos.

Arrume-lhe com a logica, padre Sentroul.

—

Andam os padres a berrar contra a Escola Moderna. E' pandego. Estes diabos não querem se sujeitar á concorrencia. Se não estivessem capacitados de que o seu ensino é falso, é malefico, procederiam lealmente: ao lado de uma escola racional abririam uma clerical, e depois pediriam um confronto entre os alumnos de ambas. Temos o caso da raposa sem cauda...

—

Continúa a briga a proposito da basilica da Apparecida. Os santos bispos, através de expressões alambicadas, phrases untuosas, revelam um odio e um rancor terriveis. Cada qual faz questão da basilica, porque a basilica é uma fonte de dinheiro. Não fôra o receio de desmoralizar mais a já desmoralizada religião e ve-los-iamos aos sopapos.

—

Certo carola deu o solenne desespero porque o governo permittiu que os calvinistas commemorassem seus martyres no Rio. E' boa. O cynico investe porisso contra um governo que tem pago exequias carissimas, tem posto batalhões em continencia diante dos templos, tem feito concessões escandalosas ao cardeal, e aqui em S. Paulo ao arcebispo. Ora, seu coisa. E' você que vem falar em liberdade! Como é que a entende?

—

O famigerado Pio IX não podia ser santo. Pobre infeliz. Apesar de suas 13 amantes elle poderia ser santificado, mas appareceu uma familia em Roma, cuja herança fôra roubada pelo papa dos *Syllabus*, da Infallibilidade e da Immaculada, e taes documentos comprobatorios apresentou, que a Congregação dos Ritos foi logo suspendendo os trabalhos de santificação.

Até parece um reconhecimento de deputado pela nossa Camara.

Desgraçado Pio IX. Só gozou da Santidade cá em baixo. Da Santidade só, não, senhor; tambem de formosas mulheres.

Era um patife que, afinal, estava em condições de ser santo!

—

Todos têm observado que até hoje nenhuma peregrinação tem ido ver o papa sem lhe levar o obolo de S. Pedro. Dá-se agora um facto curioso. E' voz corrente no Paraiso que o Padre Eterno consentiu que S. Pedro propuzesse uma acção perante os tribunaes italianos, para rehaver todo o dinheiro a elle destinado e indebitamente recebido pelos papas durante tantos seculos.

E' a bancarrota da igreja. Nem todos os conventos, templos, capellas, terrenos e as riquezas do Vaticano, postos em leilão, devem chegar para o pagamento desse debito colossal, caso S. Pedro ganhe a causa.

Tambem consta, com bons fundamentos, que o papa vai reunir um concilio para excommungar a S. Pedro, como inimigo da Igreja. Nesse concilio deverá ficar provado, afim de tirar a S. Pedro a idoneidade na autoria da causa:

1.—Que elle (S. Pedro) nunca foi papa:

a) porque era casado, pois os Evangelhos dizem que Jesus Christo lhe curou a sogra;

b) porque nunca foi a Roma e, por conseguinte, nunca assumiu o papado;

2—Que havendo elle negado tres vezes a seu mestre, é impossivel que Jesus o fizesse papa;

3—Que S. Paulo certa vez deu-lhe umas bofetadas (v. actos dos apost.) e um papa em caso algum póde ser esbofeteado.

Ha ainda outras provas contra a pretenção de S. Pedro ter sido o primeiro papa, devendo o Concilio reconhecer que até hoje a Igreja andou errada nesse ponto e que o obolo de S. Pedro deveria se chamar «do papa». O proprio templo de S. Pedro, em Roma, e todos os outros sob a invocação desse santo, ficarão sendo de Santo Ignacio de Loyola.

Comtudo, tambem S. Pedro tem seus documentos e vamos ver quem triumpha.

Nesse colossal processo serão chamados a depor Christo e todos os apostolos, inclusive Judas.

—

Por intermedio d'*A Lanterna* o papa Pio X pretende adquirir, para completar a collecção do Vaticano:

A mala em que Caim poz Abel, depois de morto;

Um pouco do vinho que embedou Noé;

O casal de pulgas que o mesmo Noé salvou do diluvio;

A espada de fogo do arcanjo S. Miguel;

Uma pedra de sal da estatua da mulher de Loth;

Um fio do cabello de Sansão;

O prego que Judith fincou na cabeça de Holofernes;

O retrato de uma das setecentas mulheres de Salomão;

Um pouco do azeite da baleia que enguliu a Jonas.

A lista de reliquias, sendo longa, continuará sendo publicada nos numeros vindouros.

Nota—Não se faz questão de preço. O pagamento é á vista.

LEO TAXIL II.

Subsidios para a historia de um crime

Muitas vezes, examinando o processo Ferrer, me succedeu ter calafrios: muitas vezes a indignação foi em mim mais forte que o horror. Porque sempre, durante todo o processo, quando a vontade do juiz não tem as suas redes insidiosas na sombra, se nos revela não severa, mas rancorosa, não serena, mas perdida por trás do obliquo fantasma duma justiça disforme e armada sómente de espada. Os juizes de Francisco Ferrer y Guardia inspiraram-se nos dois maiores inimigos da justiça: a intriga e a violencia.

Foi intriga o barbaro exilio de todas as testemunhas que podiam favorecer o accusado; o descobrimento suspeito das proclamações; a mysteriosa demora de certas cartas e o extravio de outras; foi violencia haver-se negado á defesa a citação de algumas testemunhas; terem juntado ao processo documentos com os caracteres de coisa julgada; haverem repellido o pedido do defensor no sentido de se aguerrir (contra um accusador obcecado pela selvatica paixão da vingança) no interesse da justiça.

. . . .

D. Valerio Raso Negrini, nomeado para instruir o processo contra Francisco Ferrer, toma posse do seu encargo, alliviando dum prato a balança symbolica. Convida, por meio da imprensa, a depor contra o accusado quantos cidadãos tenham accusações a fazer-lhe; e abstem-se cuidadosamente de convidar, pelo mesmo meio, os que poderiam depôr em favor delle.

Mas esta precaução de d. Valerio Raso Negrini não parece sufficiente á policia; a qual, para maior segurança, condemna ao exilio, numa pequena e distante cidade de provincia, todos os amigos e parentes da victima de Montjuich: Soledad e José, Litran, Batllori e Meseguer.

E a manobra tem exito completo. Effectivamente, emquanto os amigos de Ferrer estão longe, dá-se busca no «Mas Germinal» e acham-se as famosas proclamações, que debalde tinham sido procuradas nas tres buscas precedentes; e encerra-se subrepticiamente a instrucção, antes que os dedicados amigos do accusado, desapparecido e zingaresco bando de mulheres, velhos e crianças, errando de um burgo ao outro da peninsula, tenha tempo de dizer uma palavra em defesa do preso.

***

Creio que a angustia daquella pobre gente amorosa não tenha tido igual se não na alma do condemnado, no dia da vigilia.

Espera com confiança ser convidada pelos jornaes a depôr na instrucção. Espera um dia, dois, dez e a confiança começa a faltar; espera vinte dias, um mez e a confiança extingue-se. Então decide a escrever ao juiz instructor, offerecendo o seu testemunho, e assim faz. A resposta tarda em vir, «tarda quasi uma semana», mas finalmente chega. Ei-la:

Sra D. Soledad Villa Franca e mais signatarios—Teruel — Recebi, ás 4 horas da tarde de hontem, a carta que me dirigiram, tenho o sentimento de lhes manifestar que me é impossivel acceder ao seu pedido, por a causa de estar desde hontem, «elevada a plenario», extranhando muito que tendo alguma coisa a depôr, não o fizessem nos vinte e oito dias decorridos. Sou, etc.—*Valerio Raso*— Barcelona, 30—9—09.

D. Valerio Raso, para estranhar o silencio dos exilados, precisa de passar por cima da data do envio e de ter apenas presente a data da chegada da carta; de esquecer que, assim como se tinham convidado as testemunhas de accusação, assim tambem se deviam convidar as de defesa; e de violar a lei!

Qual a causa da demora desta e de outras cartas? Mysterios da policia, em admiravel accordo com a justiça militar! Mas não é um mysterio a offensa feita á lei; porque dos actos processuaes deve resultar que, em quanto se negava aos exilados o direito de depor com o pretexto de ter a causa saido do periodo «summario» para entrar no «plenario», convidava-se a depor a sra. Josefa los Arcos! Quando foi violada a lei? Em 30 de setembro, com a recusa do testemunho dos exilados de Teruel, ou tres dias depois, com o interrogatorio da sra. Josefa los Arcos?

Poderiamos responder com a letra da lei, a qual (assim se lê nos actos processuaes publicados por Maura) prescreve que, quando a causa é elevada «a plenario», o accusado nomeie o seu defensor (art. 543) e se dê a ambos leitura las provas de accusação colhidas pelo fiscal; se pergunte ao accusado se quer levantar questões de incompetencia de jurisdicção, excepção de coisa julgada, prescripção ou indulto; se quer requerer a ampliação do «summario», a ratificação das testemunhas, a «introducção de testemunhas novas na causa». Mas não necessitamos precisar; tanto mais que, se a recusa do juiz instructor tivesse sido legitima, o arbitrio commettido com a sra. Josefa los Arcos bastaria por si só para lançar um feixe de luz sinistra sobre todos os actos deste processo, sem excepção. D. Josefa los Arcos, com effeito, foi chamada para que reconhecesse as proclamações «publicadas» na *Vanguardia!* Como aquellas proclamações não tinham sido encontradas durante nenhuma busca, procurava-se induzir uma pobre velha, presente ás buscas, a reconhecê-las, dando-lhes assim algum valor de authenticidade! Josefa los Arcos, indignada, protestou; mas do seu protesto não se deu noticia no processo.

***

Mas não é tudo. No mesmo dia em que os exilados recebiam a resposta de d. Valerio, o capitão Galcerán era chamado á defesa de Ferrer e escrevia a Soledad:

Sra. d. Soledad Villafranca. — Honrado por Ferrer com a sua confiança e autorizado por elle, uno á sua carta estas linhas, que poderão servir como resposta ao seu interesse natural e legitimo de declarar na causa que se instruiu. Devo dizer-lhe, sentindo-o na alma, que o unico recurso que encontrei para que as suas declarações possam chegar ao tribunal, é remetter-me com a maior urgencia, porque o tempo urge, uma declaração assignada por todos sobre o que desejam declarar, bem resumida e clara, a qual entregarei, com o meu mandado, ao presidente do tribunal.

Prefiro pouco na volta do correio do que muito daqui a tres dias. Comprehende? Disponha, etc.

Francisco Galcerán.»

Immediatamente os exilados expediram as suas declarações. Uma destas era de Soledad, outra de Batllori, a terceira de Meseguer, a ultima de Litrán. O leitores já conhecem o conteudo dellas: a de Litrán era importantissima por «destruir substancialmente a deposição de Domenech.»

Pois bem, de todas as declarações mandadas, como se vê pelo recibo postal, no dia 7, não se ouviu falar no processo, que se realizou no dia 9 de outubro!

Lê-se apenas nos actos do processo que ao capitão Galcerán, «o qual affirmava ter comsigo a prova da innoceneia de Francisco Ferrer», se respondeu:—«Vamos, se a tivesse, já a teria apresentado!»

Entretanto, a *Vanguardia* publicava e os outros jornaes divulgavam que Soledad Villafranca partira para Barcelona com o fim de depor no processo Ferrer!

***

Mas se a violação, nas barbas da lei, do direito de defesa, tem para com os exilados distantes e ignorantes da situação, o aspecto duma fraude, é violencia aberta e desvergonhada para com o defensor Galcerán.

Galcerán pede que se citem algumas outras testemunhas: e respondem-lhe: — Não; porque deporiam sobre as ideias de Ferrer e não sobre os factos ao mesmo attribuidos. — Não obstante isso, o fiscal manterá depois na sua accusação todos os testemunhos destinados a relacionar os factos imputados a Ferrer com as suas ideias.

Galcerán pede que lhe forneçam uma collecção dos livros editados por Ferrer, e respondem-lhe: — Não, o processo é feito ao insurrecto e não ao pensador.— Não obstante isso, o fiscal espiolhará dos escriptos de Ferrer tudo o que poderia collocar o accusado numa luz obliqua.

Galcerán pede que se reclame o processo de Madrid; mas o juiz instructor oppõe-lhe nova recusa. Não obstante, elle manterá no processo, sem respeito pela coisa julgada, alguns documentos já apreciados e absolvidos no tribunal do jury de Madrid em 1907!

Protestará Galcerán que, entre as testemunhas a citar, alguns, como Nicâite e Charles Albert, deveriam depor não sobre as ideias, mas sobre a responsabilidade material de Ferrer. Em vão! Surgirá, durante o processo, Francisco Ferrer a procurar nos papeis accumulados entre os corpos de delicto (uma faixa e um avental com os symbolos maçonicos), uma carta a Odon de Buen, na qnal affirmava— ha sete annos — que se retirara da vida politica! O fiscal responder-lhe-á com sorriso sarcastico:—Precisamente por isso é estranho que tenha tomado parte na insurreição! Não se trata senão duma hypothese, note, mas poderia ser que tenha querido jogar... na baixa, na Bolsa!

Assim foi preparado o assassinato de Francisco Ferrer y Guardia!....

Em 12 de outubro, d. Valerio Raso leu á victima a sentença, dizendo lhe: — Note que, approvando a sentença, o Conselho repelle d'antemão todo pedido eventual de graça! — Queriam assassina-lo depressa e assassinaram-no!

LUIZ CAMPOLONGHI.

(Carta de Madrid para *La Tribuna Italiana.*)

A IGREJA E OS PADRES

Sob este titulo um *infantil revolucionario*, residente em Santos, nos enviou as linhas abaixo:

« A igreja catholica é a inimiga do progresso. Os padres, seus representantes, inimigos da sciencia e da luz. Estes procuram attrahir ao confessionario as crianças, obrigando-as a dizer o que sabem e a aprender o que ignoram de máo.

Mas, que peccados pode ter uma criança de 13 annos?

Com que direito um padre ou frade pretende saber o que eu faço?

Quaes os seus poderes? Como pode perdoar peccados quem pela sua parte, pecca mais do que nós?

Em que se differençam os padres dos outros homens? Se elles fossem justos e acreditassem no Deus que pregam ao povo, abandonavam todas as riquezas; no entanto roubam e espoliam esse mesmo povo, com as falsidades que pregam do pulpito e no confessionario, não se importando com a nossa miseria e servidão, elles que vivem fartos e livres.

Santos, 13-12-09. »

S. Paulo, na segunda epistola aos Corinthios, salientando seu desinteresse no apostolado, escreveu:

« Eis aqui estou prompto a ir ter comvosco pela terceira vez, e não vos serei pesado, pois que não busco o que é vosso, mas sim a vós; porque não devem os filhos enthesourar para seus paes, mas os paes para os filhos. »

Actualmente os continuadores da obra do cidadão de Tarso fazem o opposto; porque quando um bispo visita uma cidade, é uma razzia que se opera. Só o chrisma, a 2$000 a cabeça, rende alguns contos de réis.

Decididamente torna-se necessario convocar um concilio que ordene a compilação de outros evangelhos e epistolas, porque os actualmente em uso já não se coadunam com os preceitos modernos da igreja, e nem justificam o proceder de seus ministros.

O Espirito Santo não preveniu os autores dos primitivos a respeito da inobservancia por parte dos bispos e dos padres contemporaneos.

FOLHETIM

GOLIARDO E RATALANGA 14

O "ASNO" NA LUA

FANTASIA INVEROSIMIL

Aventuras amorosas

Do centro do apartamento, por um alçapão aberto immediatamente, subiu até nós uma mesa preparada completamente e servida á parisiense.

— Não ha que dizer! Estes lunares fazem as coisas com muito garbo!

— E' pena — murmurou monsenhor — que não tenham religião!

— Oh!—disse Ratalanga—se tivessem religião... não nos dariam de jantar! Ao menos é o que acontece aos esfomeados do mundo catholico.

Sentámo-nos alegremente em torno da mesa, depois de collocarmos as azas a um canto.

Comquanto não conseguissemos comprehender que qualidade de comida e de bebida nos tivessem sido preparadas—evidentemente não faziam parte nem de uma, nem de outra a carne e o alcool — sentimos que eram gostosissimas e singularmente nutrientes.

— Ai! ai!—suspirou o capitão.

«A alegria não é inteira
Se nos falta a companheira!

— Ora!... disse severamente monsenhor — Que conversa é essa? Respeitai ao menos a minha batina!...

— Tem razão, monsenhor, mas eu não fiz voto de castidade e confesso que... desceria por um momento á Terra. Estas *lunaticas* são tão magras!... E depois não consegui ainda saber se são capazes de amar!...

— Entretanto—disse o commendador— deveriam sel-o, a julgar-se pela quantidade de lunarzinhos que circulam por aqui!

— Por Deus!—exclamou o capitão — se não temesse alguma desagradavel surpresa... como aquella da vara electrica!... Vi, a dois passos daqui, um kiosquinho florido que deve ser a habitação de uma bella lunar...

— Para longe as tentações! — disse gravemente monsenhor. Quatro *ave marias*, dois *padre-nossos*, um *gloria* quando for deitar se... e tudo passará.

— Então vamos oara a cama rezar um rosario.

***

Era alta noite quando o capitão — sobre o qual, evidentemente, os *padre nossos* não tinham produzido effeito — depois de ter-se revolvido por muito tempo no leito, enfiou a blusa e as calças, fechando cuidadosamente as portas.

O kiosquezinho florido da bella lunarzinha brilhava na noite por entre as sombras azuladas da floresta. Com certeza a moça velava lendo ou escrevendo a algum longinquo admirador de suas graças.

O capitão, retorcendo os bigodes com gesto resoluto, cavalgou o parapeito e desceu ao prado.

Não teve senão o tempo de atirar-se na sombra, por trás de uma planta: um incidente imprevisto vinha perturbar os seus planos.

De uma outra janela do nosso palacete, uma figura humana—muito europeia—em mangas de camisa e em ceroulas,— cavalgava igualmente o balaustre, descendo com grande circumspecção e tomando a mesma direcção.

— Diabo!—murmurou o capitão. — Mas aquelle é monsenhor.

A figura mysteriosa olhou em roda de si prudentemente e caminhou para a frente.

O capitão... atrás delle.

Chegaram assim perto do kiosque, de cuja abertura circumdada de trepadeiras saía um feixe de luz branca, illuminando uma faixa do prado.

— Monsenhor!—disse em voz baixa o capitão.

Monsenhor voltou-se aterrado.

— Não tenha medo, reverendo! Sou eu que estou rezando um padre-nosso, como o senhor!

Monsenhor ficou confuso.

— Mas eu juro..

— Não jure! E' inutil! Conheço muito bem os juramentos com equivocação...

— Ah capitão! Por piedade! Se soubessem disto os do *Asno*.

— Não tenha medo!... Estreitemo nos num tratado de alliança e vamos juntos dar o assalto á rocha.

—Acceito! — disse monsenhor. Mas escute: eu vim para bem.

— Entendo, entendo! Quereis confessar, ao menos uma vez, uma penitente da Lua tambem!

— Como sois maligno! Tratemos antes de não assusta-la.

E aproximamo nos cautelosamente.

— *Deo gratias* —disse monsenhor apparecendo no vão illuminado.

Uma mocinha de lindo aspecto, que estava no fundo do vestibulo, sentada mollemente diante de um apparelho electrico, olhou, um pouco surprehendida, mas não se moveu.

— Senhorita—arriscou o capitão cofiando o bigode além do verosimil.—Dá licença?

A joven fez uma graciosa inclinação de cabeça e disse correctamente na nossa lingua:

— Podem entrar livremente, respeitaveis terrestres!

O capitão e monsenhor estavam para precipitar-se em concorrencia, mas a atitude calma da moça, que se puzera outra vez diante do apparelho, esfriou-os um tanto.

— Accommodai-vos—disse—junto de mim. Certamente viestes para gozar do espectaculo. Tambem eu me preparava para elle.

— Oh! Sim!—disse monsenhor—gostariamos precisamente de ver o espectaculo!

— Pois bem, o phonokineteloscopio está á vossa disposição.

E dizendo isto, tocou num botão e uma parede do kiosque abriu-se immediatamente, deixando ver—em viva luz—o palco de um dos maiores theatros lunares, emquanto a sala se enchia de deliciosas harmonias.

— Mas isto é encantador! — disse o capitão. O theatro em casa! E todas as noites o apreciais?

— Quando queira; á tarde, de dia, ou no mais profundo da noite, se por ventura se soffre de insomnia.

— Veja! Veja! Mas o espectaculo não dura sempre, imagino.

— Sempre! Os executores alternam-se, mas os dramas, as comedias, as symphonias nunca cessam nos varios theatros.

(CONTINÚA)

O que se faz nos seminarios e nas parochias

Revelações do ex-sacerdote Don Francisco Bigliazzi



O Sacerdote paroco

A 24 de setembro de 1898 entrei solennemente nesse immenso gremio de bichos negros que, semelhantes aos corvos nas vestes e ás serpentes na astucia, vivem á custa do povo que diante delles se se prostra. Era desde então tambem sacerdote e podia ter livre entrada nas salas dos reverendos parocos e nas alcovas das suas perpetuas. Ah! sim, finalmente erame dado conhecer na sua vida intima os pastores do rebanho de Christo, esses solennes impostores que tem escripto no limiar da porta das suas residencias: *Deus nobis haec otia fecit!*

Com effeito, quantos parocos não se encontram vivendo quietos, tranquillos como se nada houvesse. eem um temor no mundo, sem um remorso de consciencia? Basta dar uma volta por certas aldeias para tocar com a mão a verdade deste facto.

A vida do padre ó a vida mais bella e a mais feliz, não tendo elle outra obrigação senão recitar o officio, dizer a missa e administrar de vez em quando os sacramentos Livre de todo incommodo e cuidado, como os que affligem os seculares vive serenamente. O breviario e o calice permittem-lhe ganhar, sem falar dos muitos rendimentos eventuaes que pode ter. Em summa, em vez de servir, é servido e pode provocar a inveja e a colera de quem deve, suando conquistar um pedaço de pão.

O tempo que lhe restã da recitação do officio, quando o diz e da celebração da missa, passa-o em divertimentos, em orgias e na ociosidade; visita os postribulos, se vive na cidade; mantém concubinas que acha na pessoa de pobres filhos do povo ou de senhoras ricas. Só trata de restafelar-se á sombra das arvores da mystica vinha do Senhor para se nutrir dos seus fructos e arrecadar os pingues esmolas da missa, os fructos do beneficio, da prebenda, da conezia, para se locupletar, numa palavra, com as rendas acclesiasticas.

Observai a vida que levam os parocos, especialmente os dos campos. Logo que um darigo é nomeado vigario duma freguezia, põe o seu completo serviço uma bonita Perpetua, que saiba preparar bons manjares e trazer asseados a casa e o dono. A Igreja não lhe permitte o casamento e elle arranja-se assim, obedecendo ao preceito de Rosins: que um padre e mais culpado se casa do que se mantem no lar concubina ou tem relações com a perpetua, e ao concilio de Toledo que permitte ao padre ter uma amasia (Bim I, 739).

Não é a cura das almas, não é a limpeza da Igreja que o preoccupa, mas a saude delle e da Perpetua. Entrai numa residencia parochial de aldeia e vereis o parocho que cuida de todos os seus arranjos, menos da conservação da residencia. Relanclai os olhos pelo templo. Com que neglicencia é tratada e como se assemelha a uma cavalariça! As paredes cobertas de pó e de teias de aranha, o pavimento sordico e fedorento, o altar com as toalhas sujas, os confessionarios em desordem, o sacrario ennegrecido. Na sacristia tudo é confusão: crucificos no chãa, virgens em pedaços, paramentos esfarrapados. O ministro de Deus, que gasta o dia a palestrar com a serva e a vadiar, não tem vagar para limpar a casa divina.

De manhã, levanta-se quando os outros trabalham ha duas horas; toma as galhetas e a hostia e corre ao santuario para celebrar em vinte minutos a *santa* missa. Se faz frio fica na cama; se faz calor, celebra quando lhe convém. Chega á sacristia e aqui em vez de se preparar para a missa, põe-se a fa ar e a rir com o sacristão, como numa sala de recreio, onde está com chapeu na cabeça e ri de modo que é o ouvido na igreja e escandaliza os fieis que rezam. Alguns preparan-se, mas como? Cinco minutos e logo se vestem, e em lugar de dizer as orações prescriptas continuam a tagarelar, a rir, a gracejar, como quem vae representar num theatro, ou como uma mulher que se veste para ir a caça de marido. Depois vão ao altar. não para offereceram ao Pai o Filho, mas para o trairem.

DON FRANCISCO BIGLIAZZI —
Ex-prefeito de Seminario.

(Continúa.)

"A Lanterna" em Jardinopolis

Corre o boato, aqui, de que o delegado de policia, alferes Luiz Cardoso Negreiro, vai prohibir o contradictorio Ristori-Ravaioli, allegando receios de alteração da ordem.

Esta autoridade sempre foi imparcial e correcta e o seu procedimento actual, destoando do antigo, nos faz suppor que algum carola influente esteja a insuflar esta medida.

Tambem se murmura que s. s quer achar um que se responsabilise no caso de alteração de ordem; o que é attribuir a outrem, illegalmente, o que compete exclusivamente á policia, creada e mantida para esse fim.

O sr. delegado é o responsavel pela ordem e a elle compete prover no sentado de impedir qualquer disturbio sem, entretanto, chocar a disposição expressa do artigo 72 da Constituição.

Tambem ha quem acredite que esses boatos são espalhados pelos carolas para preparar a fuga do padre á discussão, repetindo-se o que se deu quando aqui veio o nosso amigo Vassimon.

Ha quatro annos um frade dominicano, na praça publica, offendeu os livres pensadores e o delegado mandou força para o garantir contra o auditorio, que protestava.

O nosso amigo Ristori é que está disposto a não poupar o padre petulante, indo, se fôr preciso, desafia-lo na propria igreja, porque já todos perceberam as artimanhas do rev. Ravaioli.

Mas o sr. delegado é que se revelará, se levar a effeito o que se propala, um parcial amigo dos carolas, elle que até aqui sempre foi amigo da justiça.

1-2-910.

(Do correspondente).

Moral carnavalesca

A casa *Lourdes*, á rua Direita, vende paramentos, santos, rosarios, bentinhos, vasos sagrados, livros religiosos e toda a quinquilharia que ornamenta os templos catholicos e, tambem, artigos de carnaval.

Ora, é sabido que a igreja condemna o carnaval. Todos os oradores sacros vomitam objurgatorias e apogthemas contra esses divertimentos; como se explica, pois, que uma casa exclusivamente de artigos religiosos venda tambem bisnagas e confetti, armas do peccado?

Não acham que é profanação?

Que importa! Toda profanação que dá dinheiro é bem acceita pelos carolas!...

Através das publicações

La Protesta, diario anarchista de Buenos Aires, reappareceu após o estado de sitio, visitando-nos.

Usa a mesma linguagem vibrante e combativa de antes, mostrando que as perseguições não podem quebrar as energias bem temperadas e são impotentes para suffocar as ideias.

Quão inutilmente para elle o governo argentino se tornou odioso com a sua estupida e infame repressão, depois dum acto meramente individual e motivado por prepotencias anteriores!

La Protesta dá-nos um bello exemplo de tenacidade e coragem e é com a maior sinceridade que saudamos o resurgimento do valente collega.

PEQUENOS ÉCOS

Fallecimento— O nosso amigo e correligionario sr. Victor Tacchi, de Jardinopolis, passou pelo doloroso transe de perder um seu netinho, Renato Vasconcellos, fallecido em 27 do mez passado.

Acompanhamos sinceramente o nosso bom amigo na sua magua.

Controversia—Deve realizar-se amanhã em Jardinopolis o publico contradictorio entre o padre João Ravaioli e o sr. Orestes Ristori sobre o thema «A influencia nefasta da religião e do clero na civilização dos povos.» E' á tarde e no largo da igreja que se effectuará o debate, tendo a commissão organizadora espalhado um boletim, em que, a par do annuncio, pede a maior tolerancia de parte a parte.

Escola Moderna — O sr. Orestes Ristori já realizou com exito algumas conferencias no interior em favor da Escola Moderna, tendo falado em Ribeirão Preto no dia 31 de janeiro e 1º do corrente sobre os themas já tratados nesta cidade.

Pró «Lanterna» — De Santos recebemos 12$500, importancia duma subscripção aberta em favor d'*A Lanterna* pelo nosso activo correligionario sr. Leonidas Cortez.

Contribuiram os seguintes srs.: C. Reis, H. Cortez, F. Balorino, C. de Paula, J. Figueiro, P. do Nascimento, M. de Sousa, C. Borges, J. Zeferino e Aug. Gonçalves, 1$000 cada um; J. Roberto, C. de Barros, V. Santos, Al. Gonçalves e A. Pinto, 500 réis cada um.

Agradecemos a todos.

Excellentes e aproveitaveis resultados

Sem duvida alguma, é só com a legitima Emulsão de Scott que podem obter resultados desejados e não com outra que tem a semelhança exterior mas em vez da marca com o bacalhau as costas leva-o nos braços.

Veremos, leitores, o que diz o distincto medico da Capital Federal, Dr. C. Calvet de Siqueira Dias, Doutor em sciencias medico-cirurgicas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ex-interno (por concurso) da mesma faculdade, Medico do Corpo Sanitario de Exercito, etc., etc., sobre o emprego d'este preparado.

"Attesto que tenhe empregado na minha clinica com excellentes e aproveitaveis resultados a Emulsão de Scott não só nas molestias que demandam longo tratamento como tambem nas molestias pulmonares. E um dos preparados que merece toda a confiança. O referido é verdade, o que juro sob a fé do meu grão.

"Capital Federal.

"Dr. C. Calvet de Siqueira Dias."

Aos amigos

O melhor meio de auxiliar a *Lanterna* é assigna-la e arranjar-lhe assignantes. A assignatura é mais cara; mas é um concurso de amigo.

FOLHETIM (15)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

IV

Em frente, serpeando através do valle, sussurrando entre seixos corre o modesto Maranhão com a sua orla branquicenta de um albor incommodo á reverberação solar, indo desapparecer numa curva viva por entre a penedia, para surdir mais longe, arrastando o pequeno volume d'agua que os ribeiros alimentam.

Capões amarellecidos pelo sol, pelo pó e pelo fumo dão a imagem de uma vegetação exotica, quebrando um pouco a monotonia daquelle solo esbranquiçado e triste, de uma t nalidade unica.

Arvores roxeadas, mircias de floração alba, ipés coroados de ouro, copahybas nimbadas de renovos rubros e brilhantes, fetos caprichosamente rendilhados, surdindo na encosta das barranceiras, gramineas seccas e ennegrecidas pelo fogo, uma flora pobre e raresemeada borda aquelles campos desnudados, tapeta aquelles serros pedregosos.

Nas choças de taquara, á margem do ramal, laranjeiras curvando-se ainda ao peso dos aureos globos embellezam um pouco aquelle valle que o monstro atravessa silvando e offerecem ao peregrino o refrigerante edulcoroso de seus fructos.

As palhoças, succeden'o-se tambem por todos os lados, são outras tantas tavernas onde elle começa a pagar o tributo á feira e a se enveredar na orgia do jubileu.

Ao atravessarem a linha ferrea um espectaculo horrorosa surgiu aos olhos dos viajantes. Laura, abrindo a marcha, qual destemida cavalleira, deu um grito de pavor, empallideceu de subito e quasi perdeu a sella. Os companheiros de viagem dirigiram o olhar para o ponto que despertara tamanho terror na moça e viram, em baixo, paralella á via ferrea, no sopé de um aterro, uma mulher estendida, inteiriçada, morta. Aves de rapina voltejavam-lhe em torno sem temer o cordão ininterrupto de romeiros desenrolando-se no ramal; moscardos zumbindo entravam e saíam pela bocca aberta, pelas narinas ensanguentadas e o cheiro de corpo em putrefacção infectava o ar.

Como se dera o desastre? Rolara de subito ao apitar da locomotiva prestes a attingi-la, diziam uns; tombara do carro de passageiros, affirmavam outros; fora varrida pela machina arremessando-a no abysmo, resavam ainda. E lá ficara a pobre romeira, colhida no caminho da peregrinação, feliz, quiçá, no seio daquella fé que a conduzira á morte.

Quando fora? Nenhum dos circumstantes sabia ao certo, ninguem descera para lhe dar sepultura, como ninguem se lembrara de soccorre la na quéda e permaneceria insepulta, crentes talvez que o Bom Jesus mandaria os seus anjos. Quem era a misera? Uma desconhecida, passando solitaria nesse anonymato da pobreza ingloria, entrando mysteriosa no mysterio insondavel da morte, ficando só, sem alguem que lhe chorasse a passagem, ali em pleno campo, servindo de pasto aos abutres, aos insectos, aos cães famintos palmilhando a estrada.

E a onda de romeiros, numa como grande arteria proseguia transbordante, a se chocar, rindo e galhofando ao optimismo excelso de ver ouvido o seu voto ou de satisfazer a sua ambição de lucro.

O bacharel e os companheiros seguiram tambem com uma tristeza nalma em que havia algo de indignação pelo abandono da infeliz fulminada. Depois, como que buscando diversão para expellir o pavor, do cimo do monte galgado alongaram a vista: um panorama novo se desenrolava immenso. Em baixo, na via ferrea, o cordão ininterrupto de romeiros seguindo com alegria estralejante nos labios, acordava a melancolia daquellas paragens tão pobres de vida vegetativa; de um lado, na parte posterior, Congonhas com as suas casas semi-derrocadas surdia entre fumo, e do outro, em frente, o Bom Jesus de Mattosinhos pousado nas collinas com o seu templo triumphal—gloriosa barbacan desafiando a onda humana, erguendo-se bem alto como buscando escalar o céo.

O Chagas deparava naquelle quadro a compensação aos incommodos da viagem. A sua alma de artista sentia-se repleta de contentamento em face do formigar incessante de romeiros removendo-se a seus pés.

(*Continúa*).

Premios aos assignantes

Os novos assignantes d'*A Lanterna*, se pagarem a sua assignatura directamente a esta administração—isto é, sem nos causarem despesas de cobrança ou de remessa — e se o pagamento for feito quando pedirem a assignatura ou depois de recebidos, no maximo, dois numeros do jornal, terão direito a um premio constituido por livros ou folhetos no valor de
2$000 para assignatura annual
1$000 » » semestral.

Os livros e folhetos deverão ser escolhidos entre os da lista que damos em seguida e que conseguimos organizar, graças á combinação feita com um depositario de obras racionalistas e sociologicas.

EM PORTUGUEZ

Malvert, *Sciencia e Religião*	2$500
Eliseu Reclus, *Evolução e Revolução*	1$500
Gorki, *Os amassadores*	$200
Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
Nieuwenhuis, *A mulher e o Militarismo*	$100
J. Most, *A Peste religiosa*	$100
Motta Assumpção, *O Infanticidio, drama*	$300

EM HESPANHOL

M. Rey, *Donde está Diòs?*	$100
R. Chaughi, *Immoralidad del Motrimonio*	$100
La Mujer Esclava	$100
J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
Frank Sutor, *Generacièn consciente*	$400
M. Devaldès, *Mathusianismo y Neo-Mathusianismo*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independendencia*	$100
A. Pellicer Paraire, *El individuo y la masa*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
S. Faure, *El Problema de la Poblaciòn*	$100
L. Bulft, *Huelga de Vientres*	$100
A. Hamon, *Compendio de la Historia del Socialismo*	$200
P. Robin, *La Mujer Publica*	$100
J. Grave, *Tierra libre* (fantasia)	2$000
Cartões anticlericaes, cada um	$100

Além destas, póde o assignante escolher entre as seguintes, das quaes esperamos de Portugal uma remessa:

Milesbo, *Christo nunca existiu*	$700
H. Salgado, *Religião da Morte*	1$200
E. Haeckel, *Monismo*	1$200
A. Hamon, *Determinismo e responsabilidade*	1$500

Sendo o preço das obras pedidas superior ao valor dos premios, o assignante juntará á importancia da assignatura a differença a mais.

As obras esperadas serão, apenas nos chegarem, remettidas pela ordem dos pedidos.

A lista dos premios será pouco a pouco alargada e os assignantes poderão, fazendo já o pagamento, ficar com o direito de escolher mais tarde.

Toda pessoa que nos obtiver 10 assignaturas pagas (annuaes ou semestraes) terá direito a uma gratis pelo tempo correspondente.

Viagem de cobrança

Dentro de breves dias iniciaremos a cobrança de assignaturas nas linhas Sorocabana, Paulista e Ingleza.

Prevenimos os nossos correligionarios e assignantes afim de que, envidando esforços, poupem o mais possivel o nosso representante, facilitando-lhe do melhor modo a tarefa, satisfazendo promptamente o seu debito.

Jornal de ideias, independente, não recebe *A Lanterna* auxilios escusos, e soffre toda especie de perseguição do clero retrogrado. Revidando e reconhecendo a utilidade de manter a imprensa honesta e livre, de combate ao erro, esperamos que os nossos assignantes concorrerão com todo o enthusiasmo para fortalecer e tornar prospera *A Lanterna*, já pagando a importancia de suas assignaturas, já procurando-nos novos assignantes.

Seja *A Lanterna* um labaro e seus assignantes o formidavel exercito do livre pensamento que marcha, irresistivel, para a victoria final.

ESPECTACULOS

Radium — Este elegante cinematographo continúa a ser o ponto predilecto das familais.

Se o publico quizer passar um bom quarto de hora, deve ir ao *Radium*.

Moulin—Continuam a ser muito frequentados os espectaculos.

Esta semana estrearam-se diversos numeros que agradaram aos frequentadores deste genero de espectaculos.

Hoje, variado programma.

Casino — Este theatro com a sua *troupe* de variedade vai chamando cada vez mais a attenção do publico.

Hoje, programma attrahente.

Grupo de Propaganda

No dia 15 de novembro ultimo, constituiu-se no Braz um Circulo Instructivo dramatico-recreativo, intitulado *A Juventude Livre*, de propaganda anticlerical.

Só ultimamente, porém, é que pôde installar-se em séde propria, á rua Coronel Xavier de Toledo, 58, onde tem uma sala de leitura com publicações nacionaes e estrangeiras, aberta das 7 ás 12 da noite.

Fazemos votos pela boa e continua acção do grupo.

»A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua General Camara, 14.

EXPEDIENTE

A todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração, pedimos o favor de endereçarem a correspondencia á LANTERNA a **NENO VASCO**.

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado), e não caixa do correio, como por engano saiu.

♠

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame*.

♠

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nos é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna*, na secção *Bilhetes e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

♠

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

Bilhetes e recados

Petropolis—C. M.: Queira mandar: iremos publicando á medida que for possivel. Saudações.

Campinas—E. Bosquero: Os livros de Renan que annunciamos são em portuguez; mas estão presentemente esgotados.

Piracicaba—M. Fernandes: Recebemos a lista de assignantes e o dinheiro (70$000). O portador esqueceu-se de deixar 2$000 para o retrato já mandado. Gratos.

Nictheroy—F. Dias F.: A expedição é feita sempre na sexta á mesma hora. Só temos os folhetos annunciados; logo que seja possivel alargaremos a nossa bibliotheca.—J. Martins: Manda; faremos da melhor forma possivel. O erro de geographia era palpavel; o tal geographo, que disse tal barbaridade, só pode desculpar-se com um erro typographico: um zero a mais.

Guaratinguetá—J. Tybiriçá: Recebemos a lista; gratos. Scientes de tudo; está bem. Saudações.

Bebedouro — H. Foschini. Recebemos 2$000 e mandamos os numeros pedidos. Saudações.

Araguary—B. Limongi: Gratos pelas informações. Os themas são os do costume: nem a Igreja defende outras theses. Saudações.

Jundiahy — A. Martinelli: Gratos pela lista. Saudações.

Santos — A pessoa que nos enviou um vale sem indicação do remettente, queira nos dizer o seu nome.

Sertãozinho—D. Discalzi: O premio é só quando o pagamento é feito directamente a esta administração. Com o viajante fazemos grandes despesas de cobrança. Saudações.

Acção Entre Amigos

EM PRÓL DA «**Escola Moderna**»
E DOS JORNAES
a Terra livre, A Lanterna e La Battaglia

O premio consta da obra em lingua italiana, intitulada:

«IL SECOLO XIX»

de 14 grandes volumes artisticamente illustrados, tratando da cultura e desenvolvimento dos povos no seculo passado.

A extracção realizar-se á no dia 5 de março com a dezena da sorte grande da Loteria da Capital Federal.

PREÇO 1$000

Cartões anticlericaes

O comité da Escola Moderna recebeu do sr. José Selles, de Ribeirão Preto, como dadiva, uns 350 postaes illustrados a cores, edição do semanario anticlerical de Roma, *L'Asino*.

São quatro desenhos, representando um «o fim de Giordano Bruno, segundo Giolitti»; outro, o martyr na fogueira; outro, a escola clerical — um bando de crianças entrando na bocca escancarada dum padre; outro, finalmente, um bispo reluzente de diamantes, representando a pobreza e humildade do Christo.

Vendem-se nesta redacção a 100 réis cada um, em beneficio da Escola Moderna.

Os nossos representantes

São nossos agentes, fóra desta cidade, com o encargo de angariar e cobrar assignaturas, os seguintes amigos:

Ribeirão Preto, sr. José Selles, rua Amador Bueno n. 41.

Uberaba, sr. José Delfino Pereira Junior, rua Saldanha Marinho.

Franca, sr. Innocencio Selles.

Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martim Affonso, 16.

Rio de Janeiro, srs. Manuel Moscoso, rua Camerino, 140 e João Leuenroth.

Nictheroy, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.

S. Roque, sr. Credo Negrelli.

Dobrada e lugares circumvizinhos, sr. Pedro Sermi Rossi.

Porto Alegre, sr. Polydoro Santos, rua Conceição, 22.

Villa Americana e Rebouças, sr. Lucio Sandoval.

Em S. Vicente, sr. Miguel Barcalla.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Visconde de Sapucahy;

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

THEATRO S. PEDRO, á praça Tiradentes;

RUA DO OUVIDOR, no salão de engraxate, ao lado do Café Java.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer.

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Magnificamente impressa em papel de luxo, com o retrato de Ferrer na capa, esta polyanthea publica artigos e poesias sobre Ferrer e a sua obra; a exposição de principios e estatutos da Liga Internacional para Instrucção Racional da Infancia; notas bibliographicas sobre as publicações da Escola Moderna, etc.

PREÇO VOLUNTARIO

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

L'Ecole Rénovée

Revista quinzenal fundada por Francisco Ferrer, destinada á exposição das novas tendencias do ensino e á propagação dos methodos racionaes e praticos.

Redactores: Charles Albert e Maurice Dubois — 61, Rue du Cardinal Lemoine, Paris (V) — Assignatura annual: 5$000.

NOTA. — Depois do assassinato de Ferrer, que fazia face á maior parte dos gastos desta publicação, *L'Ecole Rénovée* tem a vida menos segura e depende do numero de assignantes. Todos aquelles que querem honrar a memoria de Ferrer, contribuindo para a continuação de suas obras, todos os professores estudiosos e amantes da pedagogia nova e da sua propria missão, concorram com o seu esforço para a vida desta revista, assignando-a.

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.
Assignatura annual: 5$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.
Assignatura annual: 2$000.

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1$500.

Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.
Assignatura annual: 2$500.

A venda nesta redacção:

O Clarão

Publicação eventual racionalista—Porto. — Cada exemplar: 100 reis.

Les Hommes du Jour

Interessantissima publicação illustrada semanal de biographias e critica social, literaria e artistica.

Collaboradores artisticos: A. Delannoy, M. Robin, Hermann-Paul, etc.

Redactor em chefe: Victor Meric.

Assignatura annual: 6$000.

Aos assignantes

Estamos procedendo á cobrança nesta capital, sendo encarregado desse serviço o sr. Anthero de Oliveira Soares o unico autorizado para esse fim.

Contamos com a coadjuvação de nossos assignantes que assim favorecerão a imprensa liberal, a unica em condições de combater a intolerancia religiosa e o fanatismo deleterio e dissolvente.

Pedimos aos nossos assignantes o favor de, caso estejam ausentes de casa habitualmente, darem a uma pessoa da familia ordem de pagamento quando se apresentar o nosso cobrador, evitando-nos assim grande perda de tempo.

Cartões anticlericaes

Recebemos uma boa remessa de cartões anticlericaes.

Cada um	$100
Uma duzia	1$000
Vinte	1$500

«A LANTERNA»

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24.

NA LAPA—*Salão Internacional*.

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 105.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

Tencionamos facilitar aos nossos leitores a acquisição de obras — livros e opusculos — sobre a questão religiosa e social, que elles poderão, por nosso intermedio, mandar vir de fóra ou obter da bibliotheca que esperamos poder brevemente constituir e alargar. Temos o projecto de editar quanto antes um pequeno catalogo não só das publicações que tivermos em deposito, como das que poderemos encommendar fora para os nossos amigos: livros, opusculos, revistas, periodicos, cartazes illustrados, etc. Assim completaremos a nossa acção desta obra de guerrilheiros, proporcionando aos anticlericaes e livres-pensadores fontes de estudo, meios de se tornarem cada vez mais conscientes das ideias de liberdade de que são defensores.

Entretanto, temos já á venda:

TIERRA LIBRE, fantasia communista, por Juan Grave, em hespanhol
Edição da *Escuela Moderna*, de F. Ferrer
Preço: 2$000
Elegante volume de 200 pag. encadernado em percalina

A Mulher e o Militarismo, D. Nieuwenhuis	100
A Peste Religiosa, J. Most	100
Religião da Morte, H. Salgado	1$200
Os Apostolos, Renan	3$500
Vida de Jesus, »	3$500
S. Paulo, »	3$700
Monismo, »	1$200

N. B. — E' natural que, não tendo nós capital para empregar na bibliotheca, todos os pedidos DEVEM SER ACOMPANHADOS DA RELATIVA IMPORTANCIA, sem o quê não poderão ser satisfeitos, visto termos de pagar adiantadamente ás livrarias ou editores.